

Visado  
pela Comissão  
de Censura

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso  
25 centavos

Redacção e Administração  
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
P. GAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## A pontamentos históricos

### Convento de S. Salvador de Vilar

II

(Pelo Dr. António Ferraz).

(Continuação do numero 49)

Era então bispo d'esta cidade D. Vasco, prelado de grande virtude e auctoridade, que os recebeu carinhosamente e lhes deu a igreja de Santa Maria de Campanhan, onde se instalaram e proseguiram na vida penitente que tiveram nos Olivaes.

Novas contrariedades, porém, aqui os esperavam.

Sendo transferido pouco tempo depois o bispo D. Vasco, para a diocese de Evora, o prior de Campanhan não os consentiu por mais tempo na sua igreja, ordenando-lhes que se retirassem.

Foi grande o desgosto do D. João Vicente ao spartar-se dos seus amigos mais intimos, como Martim Lourenço e D. Afonso Nogueira, embora ambos lhe promettessem voltar para a sua companhia, logo que se lhe deparasse morada mais permanente.

Martim Lourenço retirou-se para uma ermida nos arredores do Porto, e D. Afonso Nogueira para casa de sua familia.

Com o Dr. João Vicente ficcu apenas João Rodrigues, e ambos, persistindo no seu bom propósito, partiram para Braga, onde se apresentaram ao arcebispo D. Fernando da Guerra, que os recebeu benignamente, hospedando-os no seu próprio paço e prometendo-lhes a mais decidida protecção para a realisação do seu intento.

Efectivamente, vagando pouco tempo depois a abadia de S. Salvador de Vilar, mandou o arcebispo que o Dr. João Vicente a fosse ver, e que se lhe agradasse o local, nenhuma duvida teria em provê-la n'ela.

Partiu então o Mestre Vicente para Vilar; e não obstante do velho convento hereditino restar apenas uma pequena igreja e umas pobres casas, tudo em completa ruina, e sem outros rendimentos mais que os passaes, agradou-se tanto do local, achou-o tão aquado ao fim a que se propunha, que solicitou o beneficio.

D. Fernando da Guerra deu-lhe então o velho convento e igreja, colando-o, como dissemos, no dia 25 de fevereiro de 1425.

De posse da Abadia de Vilar, o Dr. João Vicente deixou ali o seu companheiro e amigo João Rodrigues, e partiu para Lisboa a chamar os seus antigos congregados, e pela segunda vez o seguiram D. Afonso Nogueira, Lourenço Ames, Rodrigo Amado, Martim João, Afonso Pedro, e Martim Lourenço.

Aí renovaram logo os santos exercicios que tão dedicadamente e com tanta abnegação haviam iniciado nos Olivaes e em Campanhã.

Discorriam esmolando, prégando e confessando pelas terras circunvisinhas, grandes e pequenas, incluindo Barcelos, Braga, Guimarães e Porto.

Visitavam as cadeias, confortando os presos e repartindo com eles tudo o que o povo lhes dava; prégavam nas igrejas, nas praças, nos campos e largos públicos, e o povo corria em montão a ouvi-los, principalmente quando prégava o Dr. Martim Lourenço, que ora orador distintissimo.

Foi tal a fama de virtude que estes congregados conquistaram dentre de breve tempo em toda a provincia, que as pessoas mais notáveis dela se ofereciam para os auxiliar no seu santo empreendimento, e foram muitos os eclesiásticos notáveis que se lhe associaram, como Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, Gonçalo Dias de Barros, abade de S. Pedro de Calvelo, João Afonso, abade de S. Paio de Midões, Diogo Afonso, abade de S. Maria de Guios, e outros, que, renunciando seus beneficios no convento, nele se recolheram, com o que muito prosperou a nascente congregação de Vilar.

Os monges vestiam hábitos pobres de estamemha, faziam votos de pobreza, castidade e obediência, resavam as horas canónicas em côro e trabalhavam no g'angeio da cerca e nas obras do convento.

O seu primitivo estatuto foi lhes dado pelo Dr. Vicente, que era seu prelado e superior, e tão notorias foram as virtudes desses congregados que o povo os designava pelo nome *Bons homens de Vilar*.

(Continua)

Fra Casil.



## Migalhas de história

### FEITIÇOS DA GUITARRA

(“Noites de insónia” por C. Castelo Branco — n.º 3 — Março de 1874 —)

Cuidará talvez muita gente, aliás instruída na historia de musica e seus efeitos, culia a influencia da guitarra nos paços reais é coisa moderna e pres. O da côrte portuguesa.

Não, Senhora que exemplo deu-o a Espanha no fim do seculo passado, e a historia do mais afortunado guitarrista d'este planeta extravagante em que moramos, vou contal-a eu.

Na volta do ano de 1786, D. Gabriel Alvares de Faria, arce-diago da Sé de Badajós, tinha dois sobrinhos, Luiz e Manoel.

O arce-diago, que blasonava descendente dos Farias, alcaides-móres de Palmela, em Portugal, timbrava de muito fidalgo; mas declarava aos sobrinhos que fossem ganhar a sua vida, porque a pitaça conezia não dava para três.

Os dois rapazes, que tangiam guitarra a primôr, e cantavam seguidilhas da sua invenção, fizeram-se no rumo de Madrid, á cata de venturas.

O estalajadeiro, que lhes deu a credito o primeiro mez de hospedagem, folgava tanto de ouvir as tonadilhas de D. Miguel, que não quiz outra paga durante um ano.

Conseguiram os dois rapazes entrar na guarda de corpus.

Luiz, mediante a guitarra, insinuou-se no affecto de uma açafata da princessa Luiza de Parma, esposa do principe que depois foi Carlos IV; e, quando a dama ensandecia de amor ao seu menestrel, lhe disse ele que, se o seu cantar e tangêr a transportavam, que seria se ouvisse seu irmão D. Manuel!

Contou isto a dama à princessa. Sua Alteza era folgassã. Quiz ouvir o guitarrista. Ouviu-o, admirou-o, amou-o e, — o que muito





## O Evangelho

Saindo Jesus do termo de Tiro, passando por Sidon, veio ao mar da Galilea pelo território da Decápoli, onde lhe trouxeram um surdo e mudo, rogando-lhe que o curasse. Jesus, tirando-o um pouco de entre o povo, e tomando-o de parte, meteu-lhe os dedos nos ouvidos, e cuspido, poz-lhe a sua saliva sobre a lingua, e levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, dizendo: «Éphpheta», que quer dizer «abri-vos». No mesmo instante se lhe abriram os ouvidos e se lhe soltou a prisão da lingua, de maneira que entrou a falar expeditamente. Depois mandou que a ninguém contasse a cura; porém quanto mais Jesus lho defendia, tanto mais elles o publicavam, e tanto mais se admiravam, dizendo: «Ele tudo tem feito bem; fez não só que os surdos ouvissem, mas ainda que os mudos falassem».

### A perfeição nas obras

*Ele tudo tem feito bem.*

Logo que Nosso Senhor Jesus Cristo curou milagrosamente um surdo-mudo, como nos refere hoje o Evangelho, a multidão que presenciou o milagre exclamou admirada e cheia de entusiasmo, em louvor do Senhor: *Tem feito tudo bem.*

Esta exclamação sentida há-de brotar dos nossos lábios, louvando a Deus, tanto nos successos prósperos como nos que nos pareçam adversos: *Tudo ele faz bem.* Este será o melhor elogio que se poderá fazer de cada um de nós, se pelas nossas obras merecermos que se escreva no nosso sepulcro: *Fez tudo bem.*

Vamos hoje explicar brevemente o alcance desta palavra do Evangelho, afirmando que devemos reconhecer que Deus faz tudo bem e perfeitamente na sua Providência para conosco, e que nós temos de procurar também fazer todo o bem no seu serviço.

Quando Deus Nosso Senhor creou todas as coisas e as ordenou em seis dias, como nos narra a Biblia, ia aprovando cada grupo de creaturas que formava, e diziam que eram boas, muito boas; mas chegando à criação do homem, contentou-se com abençoá-lo, sem acrescentar em particular que era bom. A causa disto foi, diz Santo Ambrósio, que as creaturas racionais têm toda a perfeição no exterior; porém o homem não, mas no interior da sua alma, e conforme fôrem as obras que pratique e a intenção delas, assim será bom ou mau, digno de louvor ou de censura.

Tudo o que Deus faz é bom e fá-lo bem; mas o que depende do homem será bom ou mau, segundo as suas obras e intenções.

I. — Efectivamente, das obras de Deus sempre temos de afirmar o que os israelitas diziam, ao presenciarem o milagre de que nos fala hoje o Evangelho: *Tudo faz bem.* Assim tem que ser, e isto por muitas razões:

1. — *Por sua sabedoria.*

Deus é sabedoria infinita, que não se engana nem pode enganar-se; do contrário não seria Deus. E se ainda no mundo dizemos que os sábios tudo fazem bem e sábiamente, e nos fiamos de um sábio arquiteto para dirigir a construção duma casa, e de um sábio advogado para a direcção de um emaranhado pleito, quanto mais daquelles que é a sabedoria por essência, que não pode padecer equívocos nem descuidos, e em quem podemos confiar porque tudo faz bem? Por esta razão é que o Salmista clama: *O' Senhor! quando magnificas são as tuas obras! Tudo fizestes sábiamente.* (Psal., CIII, 24).

Deduzamos de aqui, por mais que os nossos sentidos e amor próprio pareça outra coi-

sa, que Deus tudo faz bem, mesmo quando nos envia trabalhos e desgostos, pois assim nos desprende das coisas da terra e nos faz aspirar às do céu, com muitas outras vantagens para o nosso espirito, que ignoramos. Deus bem sabe o que faz.

2. — *Por sua bondade.*

Deus é infinitamente bom, e não pode querer nem fazer mal a ninguém, e até dos males sabe tirar bens. Por outro lado, amamos com amor de Pai, como muitas vezes nos disse na divina Escritura, e no-lo há provado com seus beneficios, e conserva-nos sob a sua providência especial, de maneira que nem um cabelo nos cairá da cabeça sem sua licença, como afirma Jesus Cristo no Evangelho (Mat., X, 30; Luc., XXI, 18).

Por conseguinte, temos de repetir, inda nos successos adversos e nos castigos que experimentamos: *Fez tudo bem;* como dizia o Bom Ladrão quando sofria o tormento da cruz: *Justamente padecemos isto, pois recebemos o que merecem as nossas obras* (Luc., XXIII, 41). E' que o Senhor quer, em sua bondade e justiça, que paguemos nesta vida as nossas dívidas, para não termos que pagá-las na outra.

3. — *Por seu poder.*

Deus é omnipotente e nada pode sair-lhe das mãos mal feito, porque não pode faltarlhe energia e virtude; ao contrário do que succede entre os homens, por sábios e bons que sejam. Por esta razão, dizia ao Senhor a valorosa Judite: *Não há quem resista à vossa voz* (Judit., XVI, 17), e o esforçado Macabeu: *Póde o Senhor destruir o mundo inteiro num abrir e fechar de olhos* (2 Mach., VIII, 18). Só com a sua palavra fez os mundos, e por sua ordem perceberam em seus postos cada uma das esferas celestes, segundo o Salmista (Psal., CXLVIII e CXLVIII).

Concluímos que Deus tudo faz bem, quer quando nos engradece, quer quando nos humilha, e que não nos toca senão para lhe beijarmos resignados a mão poderosa. *Se recebemos os bens da mão de Deus, porque não receberemos também os males?* (Job, II, 10).

II. — Para que de cada um de nós possa dizer-se e escrever-se: *Tudo faz bem,* é preciso que o proclamem as nossas obras, porque a árvore boa conhece-se pelos seus frutos. Mas não são precisamente as obras exteriores e de aparato as que acreditam boa uma pessoa, mas as que procedem de alma boa e perfeita, pois toda a bondade ou malícia do homem racional, e ainda mais do cristão, procede do coração, como diz Jesus Cristo (Mat., XV, 18, 19). Exige que tenhamos:

1. — *Boa intenção.*

A intenção perversa ou vã estraga as boas obras em si, pois disse o divino Mestre: *Se a tua vista fôr defeituosa, todo o teu corpo estará em trevas* (Mat., VI, 23). Se dais esmola por vaidade ou jactância, de nada vos serve, e não se poderá gravar na vossa campã: *Fez tudo bem.*

2. — *Boa ordem.*

Preceitua a ordem que se anteponham as coisas de obrigação às do gosto e devoção, e que antes se cumpram os deveres da justiça que os de beneficência. Que aproveita rezar todo o dia se se não cumprem os deveres domésticos ou os próprios do estado de cada um? E para que vale deixar aos filhos grandes riquezas, se estas são mal adquiridas, ou se não se lhes deixa a herança mais preciosa a devoção cristã? Os que assim procedem, estão longe de merecer que se diga d'elles: *Tudo fizeram bem.*

3. — *Boa consciência.*

Os que estão na desgraça de Deus, por viverem em pecado grave, nada merecem para a vida eterna com o que fazem, se não tratam de se arrepender; ao passo que os que vivem em boa consciência ganham o céu com qualquer obra que façam para servir a Deus. Como é admirável viver sempre com boa cons-

ciência e em estado de graça! *É como um continuo banquete,* diz o Espírito Santo (Prov., XV, 15) Dos que assim praticam, poderá escrever-se no seu epitáfio: *Fez tudo bem.*

Cristãos: nesta singela explicação aprendestes a dizer com os que presenciaram o milagre de Jesus Cristo, referido no Evangelho: *Tudo fez bem.* Isto havemos de repetir a respeito de Deus, mesmo nos trabalhos e successos adversos que Deus permite ou nos envia, Deus tudo faz bem, por ser a sabedoria, a bondade e o poder infinito que tudo dispõe para nosso maior bem. E para que de nós se diga o mesmo, temos de operar com boa intenção, boa ordem e boa consciência; Sejamos perfeitos, como nosso Pai celestial é perfeito (Mat., V, 48).

### Nota do dia

O dr. Eva von Bar-Religuis, professor muito distinto da Universidade protestante Upsala, acaba de publicar um livro interessantissimo a que deu o titulo: «Um Protestante no Catholicismo» e em que põe em relevo o vigor e a vitalidade da Igreja, procurando responder a vários erros de apreciação dos seus próprios irmãos em crença.

A terminar o seu trabalho escreve o illustrado e lealissimc professor:

«A verdade é que o poder espiritual do papa chegou no nosso tempo a uma altura e prestigio que nem nos tempos de Leão X e Leão XIII attingiu.

E a crescente intensificação dêsse poder e prestigio, desde a definição do dogma da Infalibilidade, é coisa por demais evidente. Maravilhosa vitalidade que parece inexaurível!

Confessam-na aqueles elementos de maior eficiência para o futuro da humanidade, perante as situações e dificuldades mais complicadas.

Naturalmente os católicos vêem em tudo isto a mão de Deus.

E vêem com razão.

«As portas do inferno não prevalecerão contra ella», e, Cristo estará com Ella até à consumação dos séculos.

Com fé plena, e plena adesão do espirito à promessa segura do Filho de Deus, Deus Ele mesmo, assim é há 20 séculos e assim será até ao acaso dos tempos.

Mas conforta a alma que o depoimento venha dum protestante, embora excepcionalmente illustrado e esclarecido.

E não só depoimento sobre a Igreja em geral: o considerado professor de Upsala chega até onde os protestantes mais dispostos a ceder não cedem quasi nunca: aos Jesuitas, nestas palavras de elogio que são uma autentica consagração:

«Os Jesuitas existem, vivendo à sombra ou à margem da lei nos países mais progressivos do velho e novo mundo: pois já em alguns d'elles, com verdade, foi averiguado que a sua existência constituisse um perigo nacional?»

O dr. von Bar Religuis tem ainda este conselho magistral no seu livro:

«Muitos dos inimigos do Catholicismo terão lido tudo menos a mais comestinha historia da Igreja Católica escrita com verdade e justiça: tal procedimento autoriza em qualquer medida, porventura, que se discuta e se acuse o que afinal se não conhece?»

Profunda homenagem à Igreja, nestas palavras que valem um grande caracter e uma alta nobreza de consciência.

**Auxiliar a Boa Imprensa  
é o dever  
de todo o  
catolico sincero**



## VARIEDADES

## Mais de mil PP

Para proporcionar pueril passa-tempo a pe-  
tizes pachorrentos

(Continuado do número anterior)

Precocemente patentei propenso para  
pintura. Principiei, pois, pintando por pas-  
sa-tempo, porém pela permanente procura  
passei a praticar por profissão.

Presentemente pinto para pagar persis-  
tentes pedidos porque posso perecer prema-  
turamente para pranteavel perda da pintura  
pátria.

—E tem ganho muito?

—Pudera! Pintando pasmosamente por  
processos progressivos, porém por pequeno  
preço. Pelo porte pareço pobre, porém (pou-  
cos percebem) possuo poderoso pecúlio e pro-  
priedades produtoras de prémios precisos pa-  
ra passar... pródigamente, papando petiscos  
preciosos e peixadas preparadas pelos pri-  
meiros preparadores de pitéos, preferindo pi-  
tanças e pratinhos picantes preconizados pelo  
popular Perestrelo Pechincha. Pintores pe-  
ritos, por preguiça parecem parvos pintamo-  
nos e... passam porcaemente, pela *pin-tahiva*  
põem prendas e prezéas de pedras preciosas  
no perhor, pagando poderosos prémios para  
perderem por fim as próprias prendas.

(Continua no próximo numero)

### Secção charadística

#### CHARADAS EM VERSO

Mandou comprar D. Augusta  
Trez quilos de carne à justa,  
E como faltassem dois,  
Exclama: Como se entende?!...  
A culpada, acaso sois —1  
Ou quem a carne vos vende?

Procura a Justa mostrar  
O culpado ser o gato,  
E da balança n'um prato  
Com *manha* o vai colocar.—2

Não 'stando o gato disposto  
A ser da ladra a defesa,  
Da criada o contragosto  
Pouco mais d'um quilo pesa...

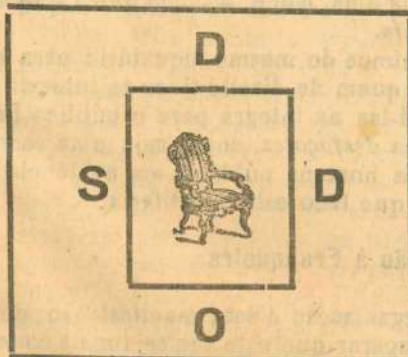
SINCOPIADA  
(por sílabas)

3 - Talvez possa esta charada  
Assunto ser de risota,  
Quando seja decifrada  
Pelo "homem" da Carlota—2

## ENIGMA

E' pedra, porém, pequena,  
Embora um termo moderno;  
Mas a gentil Madre Helena  
Afirma ser o inferno.

## ENIGMA TIPOGRAFICO



(12 letras)

As decifrações dos trabalhos, publicados no nú-  
mero 32, são: Provocação, Anjo, Cavalaria, Infantaria,  
Tanoco-taco, Cópia-Côa, Ainda-Ada, Bica-Bicas, Pu-  
nida punido, Semeada e Desmasiadamente.

Lebricho

## A RIR E A SÉRIO

Receitas de graça para todas as «doenças»  
pelo Dr. Expedito Esquísit

## IX.— Fôra a assassinal

Nã, minhas senhoras; a mulher, e sobre-  
tudo a mulher cristã, antes de tudo e acima  
de tudo, qualquer que seja a posição social,  
deve ser *mulher* em toda a accepção: quer di-  
zer, deve ser recatada, doce, afável, delicada,  
humilde; de *espírito forte* só para a abnega-  
ção e sacrificio, que para estas duas grandes  
virtudes cristãs e femininas tem boa tempera o  
coração da mulher. E ou embora o boné de dou-  
tora em medicina, ou direito, ou seja artista,  
literata, gerente de *atelier* ou de escritório, nun-  
ca poderá olvidar do seu caracter e das suas  
maneiras e de sua indumentária francamente  
feminina, sem que veja empalidecer a sua au-  
reola e o seu prestigio...

Dr. Luis Gomá

## X.— Medicos Santos

O dr. Expedito, mesmo com ser exquesi-  
to, pôde apesar da sua ignorancia de João  
Semana d'aldeia, desmentir o velho adagio:  
*Ub; tres medici, duo athasi*. Os melhores me-  
dicos são crentes; descrentes, só os... vete-  
rinarios...

Anda-se a tratar da Beatificação de um  
medico italiano moderno, José Moscati; mas  
quantos santos medicos.

## No Agiología cristão!

Peço licença ao amigo Fr. Gil da Soleda-  
de para dizer alguns: ele dirá o resto.

S. Lucas; S. Cosme e S. Damião, mis.;  
S. Pantalão e S. Antioco, de Sebaste, mrs;  
S. Sansão, sacerdote médico dos pobres; S.  
Otricularo, mis; S. Alexantre, S. Ursicino  
da Ligúria; S. Cino d'Alexmiria, médico no  
Egipto; S. Cesario, senador e médico em Bi-  
sâncio, S. Crozato; S. Dion'z'o; S. Papilio;  
S. Juvenal; S. João Damasceno; S. Diomeles  
de Parso; S. Leon' o S. Carpososo; S. Gená-  
dio, médico grego; S. Eusebio, que chegou  
a Papa; S. Zenobio, S. Emilio, médico e mis.,  
na Africa; S. Drestes, da Capadócia; S. An-  
tioco, fidalgo e médico romano, também mis.

Temos também os médicos mártires do  
Japão, *Beatos Paulo e Luis d'Almeida*.

La suite... quando puder ser.

## XI.— Guerreiros Santos.

Um sacerdote francês teve a boa lembrança  
de enquadrar num livro todos os militares  
que deram o seu sangue por Cristo Sabem  
quantos respigou no Martirologio e nos livros  
da especialidade: perto de 700!

O Dr. Expedito, mais modesto, para dar  
companhia aos médicos, acima denunciados,  
vai pôr aqui alguns celebrados guerreiros  
Santos.

I. S. Sebastião, da Casa real de Diocle-  
ciano. Sofreu o martirio em 228.

II.—Era chefe da legião Tebana e mor-  
reu mártir pouco depois, em 286.

III.—S. Martinho, Bispo, notavel por sua  
caridade: morreu em 396.

IV.—S. Jorge, príncipe da Capadócia;  
morreu sob Diocleciano. Além de Portugal,  
tem-no como protector a Inglaterra, e teve-o  
tambem a República de Génova

V.—S. Luis IX, rei de França, o heroe  
da 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> Cruzada. Morreu de peste.

VI.—Santo Inacio de Loyola, cuja histó-  
ria é bem conhecida.

VII.—A grande *Janna D'Arc* e o nosso  
gigante Nan'Alvaros.

VIII.— Foram também guerreiros San-

to Alexandre, S. Camilo de Lellis, S. João  
de Capistrano, S. João Gualberto. E para  
que o autor desta secção não fique sósinho,  
te ouve S. Expedito na tropa.

Salvo seja!

Gente expedita se queria ele em toda a  
parte.

## XII.— Bôa lição

Uma vez em Milão alguns estudantes to-  
maram a liberdade de meter a ridiculo um  
condiscipulo que fôra desobrigar-se á igreja  
de Santo Agostinho, tachando o seu gesto de  
superstição, de costume pateta de mulheres e  
aldeãos ignorantes. O moço, que não desar-  
mava ás bôas, convidou os amigos para no  
Domingo seguinte irem á igreja do Santo Am-  
brósio, prometendo-lhes uma curiosidade de-  
véras rara, isto é, a desobriga de dois igno-  
rantes famosos!

Os estudantes fôram e viram ajoelhados  
perto do altar dois velhos venerandos.

—Quem são? — perguntaram ao camarada.

—Chegai-vos— respondeu ele — que os  
conhecereis.

Os estudantes chegaram-se aos dois velhos  
que estavam absortos na oração, e qual não  
foi a sua surpresa ao reconhecer nos dois  
*beatos*, que acabavam de desobrigar-se, *Alex-  
andre Manzoni* e *Cesar Cantu*, os dois maio-  
res literatos e romancistas da Italia?...

## XIII.— A mulher como deve sê-lo.

Paulo Mantegarza, esse fecundo escritor  
de baboseiras e sujidades, escreveu algures:

«Não ha no mundo criatura alguma que  
seja mais medico e melhor medico que a mu-  
lher, não só em doenças fisicas, mas tambem,  
e sobretudo, em doenças morais».

## XIV.— Não é piada!

O Conego Gabriel Marques Godinho teve  
muita galantaria e graça. Uma manhã de in-  
verno chamando um pagem, que abrisse a ja-  
nela, lhe perguntou que tal estava o dia? Res-  
pondeu o pagem. Senhor, está de tanto ven-  
to, frio e chuva, que nunca tal vi, e grande  
asno será V. M. se fôr á Sé. Respondeu o  
Conego: O conselho aprovo, o modo não ga-  
bo.

Suppico, Apopilit. liv. I

## O pensamento de Raul Brandão

«Cada vez o mundo me mete mais me-  
do...»

Tudo se resolveu pela lei de Deus — se  
cada um fosse capaz de resolver o proble-  
ma na sua consciencia — mas Cristo está  
longe, longe cada vez mais longe de nós.

Eu mesmo não soube segui-lo e ama-  
lo, apesar de esperar sempre. E espero... na  
lei divina e, se não puder ser, na lei huma-  
na.

Espero no que aí vem, e que sinto que  
contem uma grande verdade — a verdade  
eterna. Espero pelo dia — mesmo na cová  
o espero — em que acabe a exploração do  
homem.

Espero pelo dia em que a instrução se-  
ja realmente gratuita e obrigatória para to-  
dos — e o ensino religioso. Quero o culto  
de Deus vivo nas escolas.

Espero que a terra seja de quem a cul-  
tiva. E' absurdo possuir a terra como quem  
tem papeis para receber os jurus.

Espero que a herança seja contida em  
justos limites.

Espero o dia em que o homem compreen-  
da que o superfluo é um crime.

Mais justa e mais pão para todos.  
Mais Deus para todos.»

Oferecemos estas reflexões á considera-  
ção dos espiritos *libertos* das teias de arã-  
nha de Deus.



é—convenceu o marido a gostar das trovas de *la Tyrana* acompanhadas dum harpejo triste, que não ha ahi coisa que mais diga. O principe não era escoreito.

Menos incanto era Carlos III, que mandou sahir de Madrid o guitarrista, logo que deu tento dos efeitos cupidineos dos bordões e prima na pessoa da nóra.

Mas assim que o rei morreu, D. Manuel voltou a Madrid, foi restituído ao palácio, à alcova-real, e nomeado sucessivamente sargento-mór da guarda, ajudante general, grã-cruz de Carlos III, intendente dos correios, cavaleiro do toção, duque de Alondia, primeiro ministro, principe da paz, grande de Espanha de primeira classe, com dotação territorial de 50.000 piastras de rendimento e general supremo dos exercitos (em 1800) com o tratamento de *altessa serenissima* (1807).

(Continua.)

Fra Casil

## O CASTELO DE FARIA

(1373)

III

(Por A. Herculano)

(Transcrição)

(Continuado do n.º 50)

O terreiro sonda se haviam acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quais se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violência de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levaram prêso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacau, os bêsteiros que corovvam as ameias encurvaram as bêstes, e os nomens dos engenhos prepsram-se para arrojarem sobre os contrários as suas quadrelas e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacau, tôdas as bêstas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo.

—«Moço alcaide, moço alcaide!—bradou o arauto—teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodrigues Sarmiento, Adeantado de Galisa pelo mui excelente e temido D. Henrique de Castels, deseja falar contigo, de fora do teu castelo.»

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacau, disse ao arauto—«A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero.»

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demóra, o tropel aproximou-se da barbacau.

Chegados ao pé d'ela, o velho guerreiro saiu dentre os seus guardadores, e falou com o filho:

—«Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é êsse Castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda quando vim em socorre e ajuda do esforçado conde de Ceia?»

—«E'— respondeu Gonçalo Nunes—de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por êle fizeste preito e menagem.»

—«Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide e de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dele?»

—Sei, oh meu pai!—proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar.—Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?»

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, chamou então: — Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do Castelo de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entram n'esse castelo, sem tropeçarem no teu cadaver.»

—Morra!—gritou o almocadem castelhano—morra o que nos atraçou.—E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

Defende-te, alcaide!— foram as ultimas palavras que ele murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacau, clamando vingança.

Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturam o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate o terreiro de barbacau ficou alastrado de cadaveres tienados e de olmos e ramos redusidos a cinzas.

Um soldado de Pedro Rodrigues Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suão suprava n'esse dia com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam bucado o amparo do castelo, pereceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves—«Defende-te, alcaide!

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida deante dos torvos muros do Castelo Faria.

O moço alcaide defendia-se como um leão e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cêico.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obraa na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fôra encomendada por seu pae no ultimo trance da vida.

Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide.

Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhára, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para se cobrir com as vèstes pacificas do sacerdocio.

Ministro do santuário, era com lagrimas e preces que ele podia pagar a seu pae o ter coberto de perpetua glória o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta glória, não ha hoje ahi uma unica pedra que a ateste.

As relações dos históriados foram mais duradoiras que o marmore. (1)

FIM

Fra Casil.

(1) Felizmente—hoje— podemos garantir que o Castelo de Faria, não é lendario, porque estão a descoberto todos os alicerces das suas ruínas.

E' um trabalho que honra Barcelos.

Fra Casil.

## O Cameleão

Reptil quadrupede muito semelhante ao lagarto; podendo atingir 0,50 de comprimento.

Tem a pele rugosa, o corpo comprimido com uma aresta saliente e denteada sobre o dorso, a cabeça grossa e angulosa, e o pescoço como que inchado.

A lingua muitissimo comprida, termina por um tuberculo viscoso que lhe permite apanhar os insectos com que se alimenta, podendo estar meses sem comer.

E' muito timido e inofensivo; habita as regiões quentes da Asia, Africa e América, e suporta bem um excessivo calor.

Caminha lentamente; é pouco agil, e em geral encontra-se nos ramos das arvores, onde espera a sua presa.

Uma coisa curiosa que se observa no cameleão, é a mudança da sua côr, segundo suas paixões ou necessidades.

A sua côr ordinária é amarela; sobre uma arvore verde torna-se pelo reflexo, de côr verde claro; tomado na mão, escurece, e cobre-se de nodos roxas; irritado, fica quasi preto; tomando de tempos a tempos divarsas nuances.

Por esta singular propriedade o cameleão foi adoptado para emblema do homem versatil, que, para satisfazer a sua ambição se amolda a todas as circumstancias, como faz um chinez que vegeta cá n'esta santa terra.

Fra Casil

## De Barcelos

Cartas

Temos em nosso poder mais uma, isto é, a copia duma que nos insulta chamando *autentico patife*.

Fica junta às que já possuímos do mesmo siquatário para em ocasião oportuna mostrarmos a quem de direito tiver de intervir na solução dos insultos ou publicá-las na integra para o público ficar conhecendo o *titular de tamanha desfaçatez*, como seja uma escrita em 1919 que insultava todos os homens públicos em evidência no nosso meio. Depois se verá de que lado está a patifaria.

Peregrinação à Franqueira

Ha grande animação na organização d'esta manifestação de fé religiosa, sendo, por isto, de esperar que este ano seja mais concorrida que os anos anteriores.

Arcebispe Primaz

No passado domingo estive n'esta cidade o venerando prelado d esta Arquidiocese.—C.